

ANALISE COMPARATIVA DOS *CORPORA*: CONCLUSÕES GERAIS

**Dinah Callou
M. Cristina Rigoni Costa
Sílvia F. Brandão
Giselle Machline O. e Silva
UFRJ**

Retomando os resultados apresentados, podem-se observar semelhanças entre as estratégias utilizadas pelos informantes do APERJ (rural, semi-alfabetizado) e do PEUL (urbano, com primeiro grau completo), para desenvolverem a argumentação, em contraste com as usadas pelo informante do NURC (urbano, nível superior de escolaridade).

Em relação aos graus de definitude do sujeito, verificou-se que o texto do falante NURC apresenta alto índice de generalização (graus 2, 3, 4 e 5) da expressão do sujeito (68%), superior aos índices dos falantes PEUL (32%) e APERJ (49%).

Mais relevante do que tais índices de frequência é a maneira como a noção de definitude é usada em cada texto.

No texto NURC, a expressão genérica concentra-se nas unidades que desenvolvem a argumentação, seguindo o modelo canônico. No texto PEUL, há uma marcada oscilação entre o genérico e o específico, demonstrando que o falante necessita, constantemente, exemplificar suas teses. No texto APERJ, por outro lado, o falante vale-se de uma comparação para desenvolver seus argumentos. Mesmo quando recorre à expressão genérica do sujeito, ele o faz por meio de termos mais específicos.

Relacionado à questão da definitude está o grau de concretude do vocabulário, em que, mais uma vez, o texto NURC se diferencia dos dois outros. Enquanto nos textos APERJ e PEUL há, respectivamente, 89% e 80% de substantivos concretos, no texto NURC apenas 47% dos substantivos são de sentido concreto e, assim mesmo, em grande parte, caracterizados pelo traço [+ genérico].

Tratando-se de textos argumentativos, não é de estranhar que, nos três, predomine o uso do presente do indicativo, embora com diferentes índices de frequência: 86% no PEUL, 72% no APERJ e 65% no NURC. O emprego de formas verbais de subjuntivo, por sua vez, mostrou-se reduzido nos três textos: no PEUL, 1.5%; no APERJ, 1.7% e no NURC, 9.7%. O índice NURC, inclusive, pode ser, neste caso, considerado atípico em relação a levantamentos globais já efetuados, que indicam uma frequência média de 4% por entrevista.

No que toca à estruturação frasal, há nítida diferença entre o texto NURC e os demais. No texto NURC, predomina a subordinação (com alto número de conectores), que é, ainda, reforçada por grande frequência de operadores argumentativos (*se, mas, então, agora, e*) e operadores modais (*eu acho que, realmente, talvez, assim*).

Já no PEUL, sobressaem as absolutas e as principais (65%), embora com baixa frequência de operadores argumentativos (apenas cinco ocorrências: *digamos, agora, quer dizer, pelo menos, por exemplo*). No APERJ, também são mais produtivas as absolutas e principais (59.6%). Embora haja 41.4% de subordinadas, destas só 12.3% apresentam conectivos, índice que se deve à presença de 7% de adjetivas. Também é baixíssima a frequência de operadores argumentativos (dois casos).

Ao se identificarem as diferenças formais na estruturação do texto argumentativo, não se pretendeu emitir julgamentos de valor sobre a capacidade comunicativa dos diferentes falantes. Como já se frisou antes, verificou-se que, mesmo indivíduos que não passaram por um processo de educação formal, constroem um discurso coerente e coeso, apesar de se utilizarem de opções formais distintas.

Com base nessas conclusões, cabe discutir a dicotomia *rural/urbano*, já referida nas observações sobre a linguagem do Rio de Janeiro, que constam do primeiro estudo.

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda afirma que, na colonização brasileira, marcadamente litorânea, um dos aspectos da

distinção rural/urbano se relaciona à questão da valorização cultural do litoral *versus* o desprestígio e a "incultura" do interior.

O quadro, entretanto, apresenta maior complexidade. Não se pode esquecer que o Brasil, antes um "imenso país rural", ganhou, em menos de cinquenta anos, uma feição essencialmente urbana. O rápido processo de urbanização teve conseqüências sócio-econômicas que acabaram por determinar um deslocamento no eixo da questão, como expressa o falante do texto NURC analisado, colocando-se em um patamar superior e referindo-se, paternalisticamente, ao "sujeito da favela" e ao "sujeito do interior" como "abandonados" e "desinformados". Reproduzindo atitude corrente na sociedade, a fala do informante NURC retoma a dicotomia apresentada por Sérgio Buarque, em outras bases.

Em termos de estratégias argumentativas, deve-se, ao que tudo indica, deslocar a dicotomia do eixo diatópico para o diastrático – o texto PEUL (urbano), por exemplo, encontra mais semelhanças com o texto APERJ (rural) do que com o NURC (também urbano). Talvez os fatores *escolarização* e *nível sócio-econômico* possam ser apontados como mais significativos na diferenciação das variantes, que se distinguiriam por características formais do discurso, pela microestrutura, e não por uma maior eficácia comunicativa. Esta hipótese merece ser testada em outros estudos da mesma natureza dos que ora se apresentaram, a fim de que se possa chegar a uma tipologia da argumentação no âmbito do discurso oral.

Referências

- ABREU, M. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. 20 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.
- CUNHA, C. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.
- GIVÓN, T. *Syntax. A functional-typological introduction. vol. I*. Amsterdam, J. B., 1984.
- KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1987.
- OLIVEIRA, F. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Lisboa, 1975.
- RODRIGUES, J. H. *História viva*. São Paulo, Global Universitário, 1985.